

ERA UMA VEZ EM SÃO BERNARDO



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

FERNANDO FERREIRA COSTA

Coordenador Geral da Universidade

EDGAR SALVADORI DE DECCA



Conselho Editorial

Presidente

PAULO FRANCHETTI

ALCIR PÉCORÁ – CHRISTIANO LYRA FILHO

JOSÉ A. R. GONTIJO – JOSÉ ROBERTO ZAN

MARCELO KNOBEL – MARCO ANTONIO ZAGO

SEDI HIRANO – SILVIA HUNOLD LARA

KÁTIA RODRIGUES PARANHOS

ERA UMA VEZ EM SÃO BERNARDO

O DISCURSO SINDICAL DOS METALÚRGICOS (1971-1982)

2ª EDIÇÃO REVISTA

EDITORIA UNICAMP

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

P212c Paranhos, Kátia Rodrigues.
Era uma vez em São Bernardo: o discurso sindical dos metalúrgicos:
1971-1982 / Kátia Rodrigues Paranhos. – 2. ed. rev. – Campinas, SP:
Editora da Unicamp, 2011.

1. Sindicalismo – São Bernardo do Campo (SP) – 1971-1982. 2. Movimento operário – São Bernardo do Campo (SP). I. Título.

ISBN 978-85-268-0930-7

CDD 322.2098161

Índices para catálogo sistemático:

1. Sindicalismo – São Bernardo do Campo (SP) – 1971-1982 322.2098161
2. Movimento operário – São Bernardo do Campo (SP) 322.2098161

Copyright © by Kátia Rodrigues Paranhos

Copyright © 2011 by Editora da Unicamp

1ª edição, 1999

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

No fim, nós também estaremos mortos, e nossas vidas estarão inertes nesse processo terminado, nossas intenções assimiladas a um acontecimento passado que nunca pretendemos que ocorresse. Podemos apenas esperar que os homens e mulheres do futuro se voltem para nós, afirmem e renovem nossos significados, e tornem nossa história inteligível dentro de seu próprio presente. Somente eles terão o poder de selecionar, entre os muitos significados oferecidos pelo nosso conturbado presente, e transmutar alguma parte de nosso processo em seu progresso.

E. P. Thompson

Longa é a arte
Tão breve a vida.
Antônio Carlos Jobim

AGRADECIMENTOS

Na segunda edição deste livro preferi manter praticamente na íntegra o texto apresentado originalmente à Editora da Unicamp em 1999, ao qual acresci apenas ligeiras modificações. Para a viabilização desta reedição não poderia deixar de agradecer a Paulo Franchetti, Elizabeth Regina Marchetti e Ricardo Lima, pelo apoio logístico, e igualmente ao CNPq.

Na primeira edição, este trabalho contou com o apoio financeiro da Capes por meio de uma bolsa de estudos concedida pela Unicamp e, posteriormente, pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) colaborou também para o término da pesquisa.

Referências sentimentais: os colegas e os professores do mestrado, os Departamentos de Ciências Sociais e de História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e a Adufu — Seção Sindical —, Sindicato dos Docentes da UFU. Gostaria, ainda, de mencionar as pessoas queridas que, de uma forma ou de outra, estão presentes neste livro: Ana Paula Vosne Martins, Carmem Sílvia Lopes de Paiva, Claudio Henrique de Moraes Batalha, Édio José Alves, Eduardo Antônio Lopes de Paiva, Marco Aurélio Garcia, Marcos Alberto Horta Lima, Margareth Rago, Nilza Clarice Galindo, Patrícia Rizzotto e Ricardo Antunes.

A publicação original deveu muito à fineza de José Roberto do Amaral Lapa, então coordenador de publicações do Centro

de Memória da Unicamp, ao extraordinário empenho de Carlos Roberto Lamari, então coordenador editorial da Editora da Unicamp, e à pronta colaboração de Tarcísio Secoli, à época diretor do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC.

Agradecimentos especiais a Edgar de Decca, pela paciência, carinho e compreensão desde o início da sua orientação no mestrado em história.

A Luzia e Paulo, pelo afeto e apoio constante. Queridos e permissivos pais de uma filha única que, na maioria das vezes, é impaciente.

A Adalberto Paranhos, companheiro de todos os momentos, com quem aprendi a escutar tantas canções. Em todas elas estarei sempre a lembrar: “Não há tempo mais vazio / Do que longe do meu bem”.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	11
INTRODUÇÃO	17
1 TEMPOS MODERNOS, TEMPOS DIFÍCEIS.....	25
2 JOÃO FERRADOR VAI AO PARAÍSO?.....	127
3 ENTRE O CÉU E A TERRA	195
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	269
BIBLIOGRAFIA E FONTES	277



Grupo de metalúrgicos de São Bernardo.
Foto de Hélio Campos Mello. *Álbum memória de São Bernardo.*

PREFÁCIO

Era uma vez em São Bernardo... O próprio título deste livro nos coloca diante de uma ambigüidade. Se era uma vez, é porque não é mais, como acontece nos modos narrativos dos contos infantis. Mas teria sido essa a intenção da autora ao dar o título a um livro que analisa o surgimento e a formação de uma nova classe operária no Brasil, na região industrial do ABCD paulista? Acredito que não. Apesar de o livro ter a expressão, aparentemente inofensiva — *era uma vez...* —, em seu título, a autora não teve a intenção de contar a história do Sindicato dos Metalúrgicos do ABCD como uma experiência já passada, como quando narramos contos de fada. A expressão utilizada pela autora pretende fazer alusão aos modos de contar histórias próprios dos antigos narradores, que o faziam a partir de suas experiências. Se quisermos especular ainda mais, poderíamos dizer que o título *Era uma vez em São Bernardo* tem a intenção de provocar no leitor a sensação de que, neste livro, são os trabalhadores que contam a sua história. Essa insinuação fica explícita quando iniciamos a leitura e acompanhamos o modo como a autora critica o discurso acadêmico, por ele interpretar o novo movimento operário sem levar em consideração a prática e o discurso dos operários, valendo-se muito mais de modelos já conhecidos da sociologia e da ciência política. Nesse sentido, esse título, que pode parecer ingênuo à primeira vista, adquire um significado novo quando começamos a ler o livro.

Por se tratar de um livro que busca dar voz aos trabalhadores, com um título de *Era uma vez...*, que não tem a intenção de contar uma história que já passou, ele hoje sugere, por si mesmo, novas indagações. A mais decisiva delas, do meu ponto de vista, diz respeito à escolha do tema de pesquisa pela autora: o novo sindicalismo. Na década de 1980, quando a pesquisa que resultou neste livro se estava iniciando, o sindicalismo operário do ABCD vivia os seus dias mais gloriosos — por que não dizer? —, sua época de ouro. O Partido dos Trabalhadores, o PT, estava nascendo dessa experiência operária que vivia seus dias de plena juventude, e seu líder sindical, o Lula, estava iniciando a sua carreira política. Para aqueles pesquisadores adeptos da história imediata ou da história do presente, poucos temas eram tão atrativos no período. Evidentemente, as pesquisas que surgiram naquele momento não deixavam dúvidas sobre a empatia que os pesquisadores tinham com o seu objeto de pesquisa, porque esse movimento operário nascido no ABCD paulista carregava consigo as expectativas do novo no interior das práticas e dos discursos intelectuais e acadêmicos.

Se esse meu argumento tem alguma dose de verdade, eu me indagaria sobre a atualidade desse assunto nos dias de hoje. Digo isso não apenas me baseando na profunda crise que vive, em nossos dias, esse mesmo sindicalismo, que nasceu há não mais de 20 anos. Pergunto-me qual a receptividade, hoje, de estudos que acabaram resultando neste livro. Se tomarmos como referência as teses e publicações na área de história, percebemos o quanto são escassas as pesquisas sobre o movimento operário. Entretanto não é só nos meios acadêmicos que os assuntos ligados ao movimento operário perderam interesse. Surpreendeu-me, inclusive, a declaração feita por Lula, em abril de 1998, quando, lembrando-se de visitas que havia feito à cidade de Campinas, se referiu “à época de ouro do Sindicato dos Petroleiros”. Também para Lula, a experiência do novo sindicalismo, que nasceu na década de 1970, já é coisa do passado? Como enfrentarmos um dilema tão grande?

Creio que este livro, apesar de estar marcado pelas promessas da década de 1980, pode nos dar meios para pensar os impasses que aquele período projeta, hoje, sobre nós. Dentre as contri-

buições importantes trazidas pela autora, existe aquela que explica o surgimento do novo sindicalismo, não como resultado inevitável das mudanças que ocorreram no processo de industrialização na década de 1970, mas como um fazer-se de uma nova classe operária. Essa tese, que está embutida na análise da autora, é de extrema importância historiográfica, pois boa parte das análises sociológicas explicou o surgimento do novo sindicalismo como resultante das mudanças dos processos produtivos que ocorreram na indústria brasileira daquela década. A autora deste livro critica, justamente, as interpretações que colocam a classe e o movimento operários como mero resultado do desenvolvimento do capital, sem autonomia e com uma prática que apenas reflete as mudanças que se dão na órbita da produção capitalista. Fiel aos novos ventos que foram trazidos pela historiografia marxista inglesa que aportou no Brasil, também na década de 1970, a autora estuda em detalhes de que maneira os trabalhadores foram capazes de se organizar em sindicato e de que modo esse sindicato se tornou, simultaneamente, o porta-voz dos trabalhadores, por ter sido capaz de forjar uma imagem que se adequava às expectativas do operariado metalúrgico de São Bernardo.

A confirmação de que o novo sindicalismo não era um reflexo puro e simples das mudanças ocorridas na organização do capitalismo e de suas empresas testemunha a quase concomitância do movimento operário do ABCD paulista com a ascensão do movimento operário polonês do Sindicato Solidariedade. Na década de 1970 ocorreu, parafraseando antigos manifestos anarquistas do início do século no Brasil, um despertar do movimento operário em várias partes do mundo, e o novo sindicalismo brasileiro, assim como o Solidariedade polonês, acabou sendo responsável, inclusive, por mudanças significativas no plano político do país. Sem fazer comparações forçadas e apressadas, a verdade é que os líderes desses movimentos se tornaram figuras públicas importantes no cenário político desses países, o que mostra a relevância dessa ascensão dos trabalhadores em defesa da cidadania. É bom que se diga, essas extrapolações são minhas e não da autora. O que este livro aponta é um fazer-se da classe operária

no Brasil, que não é mero reflexo das mudanças ocorridas na gestão do capital.

Tal modo interpretativo não deixa de ser estimulante para os dias de hoje, quando muitos decretam a falência e a impossibilidade do ressurgimento de práticas operárias. Uma das marcas mais visíveis das análises sobre os processos de globalização é a de que, mais uma vez, os discursos acadêmicos imputam aos sujeitos sociais uma impossibilidade de criar práticas novas e autônomas perante a mundialização do capital. Assim como nas décadas de 1970 e 1980, quando o discurso acadêmico interpretou o novo sindicalismo apenas como um reflexo de mudanças que ocorreram na gestão da produção capitalista, hoje, mais uma vez, sentimos que está de volta uma visão muito comum, em história e em sociologia, que anula toda e qualquer iniciativa dos sujeitos sociais.

Livros como este têm o dom de nos despertar de uma certa letargia. Acordam-nos de uma fantasia de que somos apenas resultado passivo de forças históricas incontroláveis. Reconstruímos, hoje, a experiência histórica dos operários do ABC (não sei por que me veio à memória um verso perdido de uma canção de Caetano Veloso que, na década de 1980, em sua solidão, lembrava os operários do ABC), talvez para sentirmos, mais uma vez, aquela energia que se perdeu e que parece estar indo embora com outros sonhos daquelas décadas de 1970 e 1980. *Era uma vez em São Bernardo* é, hoje, mais do que nunca, um livro de história. Resgata-nos uma experiência que, estando no passado, abre perspectivas para pensarmos o presente.

Não é sem um pouco de tristeza que revemos a história de um movimento operário que modificou profundamente a sociedade brasileira. Diríamos, inclusive, que a sua história se confundiu com a luta pela democracia no Brasil. Sem a presença marcante desse fazer-se operário durante a década de 1980, não se teria reestruturado a própria sociedade civil brasileira, tradicionalmente marcada pelos preconceitos das elites e pelo autoritarismo. A presença em cena dos trabalhadores de São Bernardo, por meio de seu sindicato, modificou de maneira defi-

nitiva a autoconfiança dos trabalhadores no Brasil. Haja vista, hoje em dia, os trabalhadores sem-terra, que, com sua presença marcante, queiramos ou não, são os herdeiros do antigo novo sindicalismo.

A maior lição de história deste livro, se é que a história ainda nos ensina lições, é a de que o novo sindicalismo surgido em São Bernardo, em 1978, representou um momento decisivo da construção da cidadania do trabalhador brasileiro, luta que, afinal de contas, ainda não chegou ao fim. Lembremos, por exemplo, de situações extremas e dramáticas como a de Eldorado dos Carajás, uma dentre tantas outras situações de violação dos direitos dos trabalhadores brasileiros. Mas isso é uma outra história, um outro *era uma vez...*

Edgar Salvadori de Decca
Campinas, maio de 1998



Trabalhadores em greve, na sede do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo.
Foto de autoria não identificada. *Imagens da luta* — 1905-1985.

INTRODUÇÃO

O tema do movimento operário no Brasil, nos anos 1970, é sem dúvida um assunto polêmico. A extensa bibliografia — resultante das indagações que o tema coloca — expressa a importância que lhe tem sido atribuída nos mais variados campos das ciências humanas. Pode-se alinhar uma série de trabalhos recentes, em geral investigações empreendidas com o intuito de compreender qual o sentido dos impactos derivados da aceleração industrial sobre o movimento operário (a “indústria moderna” e o significado que se lhe atribui: maiores salários, profissionalização, estabilidade no emprego) e, conseqüentemente, na análise dos efeitos daí resultantes sobre o sindicalismo. Entre eles, Leôncio Martins Rodrigues e Maria Hermínia Tavares de Almeida, e toda uma linhagem de pesquisadores influenciados por esses predecessores, destacam-se como os responsáveis por uma proposta de análise dos trabalhadores urbanos e de sua presença na sociedade brasileira. Mesmo que não estejam concordes entre si, esses estudos estimularam vários trabalhos acadêmicos e inspiraram muitos outros estudos dentro e fora da área específica da sociologia. Representando esse estímulo, a tese de Amnérís Maroni rompeu com o tabu da interdisciplinaridade, fazendo no campo da historiografia uma primeira investida no sentido de recompor o movimento operário, interpretando o espaço fabril como lugar de conflito, e onde se constituem os sujeitos¹. Nesse sentido, os

trabalhos de Vera Telles, Eder Sader, Elisabeth Lobo, Laís Abramo — entre outros — também estabeleceram uma vertente sociológica definitiva ao compreenderem a importância do tempo histórico para a explicação de fenômenos sociais².

No campo da história encontramos, além de algumas pesquisas em andamento, um texto particularmente expressivo, escrito no ano de 1978, que influenciará as novas interpretações: “O lugar do movimento operário”, de Kazumi Munakata (apresentado no IV Encontro Regional de História de São Paulo). Ele observa em sua comunicação que o “acontecimento político mais importante do primeiro semestre [...] foi a irrupção do movimento grevista que, iniciada em meio à região do ABC (SP), rapidamente se alastrou pelos grandes centros industriais e urbanos do Estado, envolvendo centenas de milhares de trabalhadores [...]”³. Sendo momento vivo da história, Kazumi propunha analisá-lo como luta de classes.

Caberia aqui assinalar que a própria noção de “classe” — tão cara a tantos autores — se tornou passível de ser reavaliada, na medida em que se passou a pensá-la como sujeito(s) (e a construí-la como objeto) constituídos(s) a partir de suas práticas, na dinâmica do conflito social. Ou seja, como bem observa o texto de Marco Aurélio Garcia, “a análise se concentrará na prática mesma da classe, privilegiando o processo pelo qual os trabalhadores, em suas múltiplas formas de luta contra a multiplicidade de manifestações da exploração e da opressão capitalistas, descobrem-se como classe, transformando esta descoberta em consciência de classe”.

A análise do movimento operário, sob tal ótica, “não partirá de ‘causas estruturais’, entendidas como racionalidade que se encontra fora dele. O movimento operário não é reflexo de ‘estruturas’ econômicas ou políticas. Ele se autodetermina; sua racionalidade está no seu interior, na forma pela qual ele faz (e se constitui na) história, isto é, na luta de classes”⁴.

Assim sendo, merecem uma menção especial os estudos de E. P. Thompson, não apenas porque contribuíram para o entendimento de uma experiência da “Formação da classe operária in-

glesa” — polemizando com as interpretações consagradas, e criticando também as concepções marxistas sobre a classe operária, que a transformaram em uma “coisa” —, mas, principalmente, porque vários desses pesquisadores deixaram explícito no desenvolvimento de suas pesquisas o reconhecimento da importância desses estudos⁵.

A postura teórica e metodológica que informa este trabalho resultou das leituras indicadas e do confronto dos vários estudos que traziam inscrita a preocupação de ultrapassar a mera descrição de um movimento, assumindo os decorrentes riscos na tarefa de interpretá-lo. Dentre outros, o proveito maior que retirei dessas leituras pode ser assim sintetizado: precaução em relação aos rótulos classificatórios, que, se por um lado facultam e facilitam a interpretação, por outro enrijecem-na até distorcer o objeto de estudo, redundando na perda de sua especificidade histórica; precaução, ainda, em relação aos “modelos explicativos marxistas”, e mais, a certeza da ineficácia inerente aos modelos em explicar a história.

A partir dessas precauções, a proposta de estudo do movimento operário nos anos 1970 ganhou consistência e determinação. O trabalho desenvolvido tem por objetivo analisar o discurso sindical dos metalúrgicos de São Bernardo do Campo; ao observar a linguagem desses trabalhadores, deparei-me com os seguintes enunciados imagéticos: o sindicato, a fábrica, as greves e a cidade. Na verdade, os enunciados imagéticos e/ou “lugares da luta” instituíram os “lugares culturais” em que a presença operária se revelava significativamente na cena política brasileira. Nessa medida, encontrei uma extensa rede de tradições, de ideias, de sentimentos e experiências comuns, partilhadas na década de 1970 por homens e mulheres em uma sociedade industrial.

No intuito de poder traçar uma experiência operária historicamente determinada, articulei uma extensa documentação (jornais, boletins, congressos, discursos, teses) que permite trilhar uma rede de práticas efetivadas pelo operariado.

Ao procurar recuperar a atuação consciente desses trabalhadores, ou seja, como eles percebiam ou pensavam tudo o que

se havia passado naqueles anos, acabei por captar a sua representação dos momentos vividos, lidando com depoimentos e opiniões conflitantes, enfim, tomando a experiência como sentimento. Já ao utilizar os jornais, os boletins, os panfletos etc. como fonte para o estudo, percorrerei um universo de práticas sociais, nas quais as relações são definidas pelos homens enquanto vivem sua própria história.

Desse modo, os procedimentos teóricos e metodológicos indicados determinaram e informaram os tortuosos caminhos enfrentados em um projeto de pesquisa, no entanto, graças a eles conseguimos definir o sentido do trabalho. Por isso, o intuito deste estudo é examinar os caminhos pelos quais o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema — por meio do seu jornal —, desejoso de mobilizar os trabalhadores para a luta política, denunciou o arrocho, a política sindical do regime, propôs negociações diretas com os patrões e, sobretudo, demonstrou sensibilidade com as lutas desenvolvidas nas fábricas, conseguindo criar a imagem e o discurso de uma identidade operária. Em poucas palavras, vamos trilhar a experiência da construção de uma lógica de identificação operária.

Gostaria de enfatizar novamente que a problemática analisada neste trabalho consiste em investigar a importância da trajetória dos metalúrgicos de São Bernardo, nos anos 1970, bem como do desenvolvimento de suas estratégias de luta e de organização, que estremeceram o movimento operário em suas formulações e posicionamentos políticos, fato este determinante para uma categoria operária que esteve envolvida com enunciados e imagens que se tornaram emblemáticos no âmbito da sociedade daquele período.

Portanto, cabe indicar com maior clareza os três capítulos deste livro. O capítulo “Tempos modernos, tempos difíceis” aborda como se constituem os enunciados da luta — sindicato e fábrica — e suas várias imagens operárias construídas pelo discurso sindical. Para tanto, o exame dos “lugares de luta” propostos na fala sindical serão objetos pontuais de estudo. Como referido anteriormente, ao procurar mobilizar a categoria me-